

Leitura meditada das narrativas da ressurreição

António Couto*

1. Espanto, silêncio, amor, dedicação. Tantos perfumes. Dom feito ao morto! Dom mesmo. As mulheres exalam esta música, ó divina astúcia do amor. E já Nicodemos sai da NOITE, dos medos, dos disfarces, e vem também ele, agora indisfarçável, com mais de trinta quilos de uma mistura de mirra e aloés (Jo 19,39). Envolvem Jesus numas faixas encharcadas de perfume, como o Rei cantado e amado no Salmo 45,9. Sepultam-no num sepulcro novo, como convém ao Rei, sempre o Primeiro em tudo. O IV Evangelho anota que esse sepulcro se situava num jardim, fazendo de Jesus o primeiro sepultado no jardim. De acordo com a narrativa de Génesis 3,23-24, todos os sepulcros estavam até agora situados fora do jardim.

Suspensão do relato. Se é difícil dizer exatamente onde começa o relato da Paixão, é fácil dizer onde termina. Termina aqui. Termina aqui, porque o acontecimento que se segue, a Ressurreição, não é relatado. Tão-pouco a Ressurreição é representada na antiga iconografia cristã¹. A Ressurreição não é relatada nem representada, porque permanece oculta aos nossos olhos. O que

* Bispo de Lamego. Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

¹ P. BEAUCHAMP, *Le Récit, la lettre et le corps. Essais bibliques*, «Cogitatio Fidei», Paris, Cerf, nova edição aumentada, 1992, p. 119.

é relatado são os anúncios da Ressurreição². Regista-se, pois, uma mudança na forma do discurso, tornado agora anúncio, notícia, querigma. Anúncio em primeira mão, vindo de fora. De Deus. Recebido e depois continuado pelos anunciadores habilitados. Mas é preciso acentuar ainda que o que habilita os anunciadores tem as suas raízes no próprio relato da Paixão, em que os futuros anunciadores aparecem claramente designados como aqueles que abandonaram Jesus, que renegaram Jesus e se perderam de Jesus³. Só saberão anunciar corretamente a Ressurreição de Jesus se confessarem também até que ponto esse acontecimento da Ressurreição os transformou desde dentro⁴, acendendo neles a Chama da Vida verdadeira.

A notícia será então que Ele morreu e foi salvo da morte, que Ressuscitou e que o seu Perdão nos reabilitou. Se Ele nos reabilitou, então Ele está vivo, atuante e eficaz⁵. Verdadeiramente «somos nós, somos nós, Senhor, a prova de que Tu ressuscitaste»⁶. Tempo novo. Discurso novo. Já antes, no mundo dos Salmos, não poucos orantes tinham chegado ao limiar da morte. Invocaram, porém, a Deus e foram salvos da morte, antes da morte. E voltavam então para relatar na assembleia dos fiéis a salvação experimentada. É certo que de Lázaro é dito que morreu, mas que retornou a esta vida, continuando a viver antes da morte. Permanecíamos sempre, portanto, no mundo do relato.

Não é o que se passa agora. Jesus morreu. Atravessou o limiar da morte. A salvação acontece depois da morte. Jesus não regressa a esta vida mortal de antes da morte. Entra na Planície sem fim da vida verdadeira. Desta salvação não há relato. Não pode haver relato. Só pode haver anúncio vindo desde fora, desde Deus. E, em termos narrativos, só pode haver o relato desse anúncio. Este anúncio, nova forma de discurso, assinala então o fim do relato da Paixão, mas também o fim de todo o relato que possa existir. Na verdade, se o Ressuscitado ressuscitasse como Lázaro, regressando a esta vida mortal, o relato prosseguiria. Mas se, de facto, *jam non moritur*, então a Paixão de Cristo transporta alguma coisa de único, que, por ser único, diz respeito a todos os homens. Não afeta só o corpo de Cristo. Afeta a inteira humanidade. De facto, o relato da Paixão não termina com a morte. É a Vida que põe termo ao relato da Paixão⁷.

² *Ibidem*, p. 119.

³ *Ibidem*, p. 120.

⁴ *Ibidem*, p. 127.

⁵ IDEM, *Cinquante portraits bibliques. Dessins de Pierre Grassignoux*, Paris, Seuil, 2000, p. 213; IDEM, *Conférences. Une exégèse biblique*, Paris, Facultés Jésumites de Paris, 2004, p. 66.

⁶ D. M. TUROLDO, G. RAVASI, *Opere e giorni del Signore. Commento alla lettura liturgiche*, Cinisello Balsamo, Paoline, 1989, p. 222.

⁷ P. BEAUCHAMP, *Le Récit, la lettre et le corps*, p. 120.

Mas o que é então primeiro: o relato da Paixão ou o anúncio da Ressurreição? Em termos cronológicos e narrativos, é verdade que o relato da Paixão precede o anúncio da Ressurreição, não sendo o anúncio da Ressurreição senão a declaração de que o relato da Paixão terminou. Do mesmo modo, o anúncio da vitória fecha o relato da batalha ou do jogo, sendo evidente que a batalha ou o jogo estão antes da vitória e do seu anúncio. Mas, em termos de enunciação, é o anúncio da Ressurreição (ou da vitória) que precede o relato da Paixão (ou da batalha ou do jogo), e que o provoca, que o desencadeia. Anuncia-se a Ressurreição (ou a vitória) e depois narra-se a Paixão (ou a batalha ou o jogo)⁸. Fiquemos, pois, com o Anúncio que põe fim ao inteiro relato da Escritura.

2. O Domingo de Páscoa na Ressurreição do Senhor oferece-nos o grande texto de João 20,1-10, com a descoberta do túmulo aberto, mas não vazio! Túmulo aberto: a pedra muito grande (Marcos 16,4) do poder da morte tinha sido retirada, e o Anjo do Senhor sentou-se sobre ela (Mateus 28,2), impressionante imagem de soberania e vitória! Mas não vazio: está, na verdade, cheio de sinais, que é preciso ler com atenção: um jovem sentado à direita com uma túnica branca (Marcos 16,4), dois homens com vestes fulgurantes (Lucas 24,4), as faixas de linho no chão e o sudário enrolado em outro lugar (João 20,6-7). É importante ler os sinais e ouvir as mensagens! Se o túmulo estivesse vazio, como vulgarmente e inadvertidamente dizemos, estávamos perante uma ausência cega e muda. Na verdade, os sinais e as mensagens mostram, não uma ausência, mas uma presença nova que somos convidados a descobrir e reconhecer.

3. O texto imenso de João 20,1-10 coloca-nos ainda diante dos olhos o início de diferentes percursos por parte de diferentes figuras face aos sinais encontrados ou ainda não, lidos ou ainda não.

4. A Madalena vai de manhã cedo, ainda escuro, ao túmulo, e vê, com um olhar tão normal (verbo grego *blépô*) que até causa aflição a pedra retirada (*êrménos*) para sempre e por Deus (João 20,1). Tal é o significado imposto por *êrménos*, participio perfeito passivo do verbo *airô*. De facto, até dói e aflige que se veja o inefável como quem vê uma coisa qualquer, cegos como estamos tantas vezes pelos nossos preconceitos! Esta pedra para sempre retirada por Deus reclama e estabelece contraponto com a pedra por

⁸ IDEM, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur. D'Isaïe à Jean*, in J. VERMEYLEN (ed.), *The Book of Isaiah – Le Livre d'Isaïe. Les oracles et leurs relectures. Unité et complexité de l'ouvrage*, BETL LXXI, Lovaina, Leuven University Press – Peeters, 1989, p. 331.

algum tempo retirada pelos homens do túmulo de Lázaro (João 11,39 e 41). O v. 39 contém a ordem de Jesus: «Retirai a pedra» (*árate*: imper. aor. de *áirô*); o v. 41 passa a notícia de que «retiraram a pedra» (*éran*: aoristo de *áirô*). Cega pelos seus preconceitos, a Madalena falha a visão do inefável, e corre logo, equivocada, a levar uma falsa notícia: «Retiraram (*éran*: aoristo de *áirô*) o Senhor do túmulo, e não sabemos onde o puseram» (João 20,2). Mas o leitor atento e competente do IV Evangelho não estranha esta cegueira da Madalena. É que o narrador informa-nos que ela anda ainda no escuro (João 20,1), e, no IV Evangelho, quem anda na noite e no escuro anda perdido na incompreensão e na cegueira, e nada entende ou dá bom resultado. A oposição luz-trevas atravessa de lés a lés o inteiro texto do IV Evangelho. A Luz verdadeira que vem a este mundo para iluminar todos os homens é Jesus (João 1,9). Sem esta Luz, que é Jesus, andamos às escuras, na noite, na cegueira, na dor, no fracasso, na incompreensão. É assim, narrativamente – e, portanto, exemplarmente, para nós, leitores –, que somos levados a constatar como Nicodemos, que anda de noite (João 3,2) e nada entende, como os discípulos, que nada pescam de noite (João 21,3) e no meio do escuro andam perdidos (João 6,17-18), como o homem da noite na noite perdido, que é Judas (João 13,30; 18,3), enfim, como Pedro, perdido na noite e no meio dos guardas (João 18,17-18).

5. A notícia levada pela Madalena põe em movimento Simão Pedro e o «discípulo amado». Anote-se a progressão e repare-se atentamente nos verbos utilizados: 1) Maria Madalena vai ao túmulo e vê (*blépô*) a pedra (da morte) retirada; 2) o outro discípulo, «o discípulo amado», corre juntamente com Pedro, mas chega primeiro (!), inclina-se e vê (*blépô*) as faixas de linho no chão; 3) Pedro, que corria juntamente com «o discípulo amado», mas SEGUINDO-O (*akolouthéô*) e chegando depois... Na verdade, ainda em João 18,15, os dois SEGUIAM Jesus, que é a correta postura do discípulo. Pedro, porém, não SEGUIU Jesus até ao fim: ficou ali estacionado no pátio do Sumo-Sacerdote! Mais do que isso e pior do que isso, em vez de estar com Jesus, Pedro ficou com os guardas, a aquecer-se com os guardas! (João 18,18). Avista-se daqui, em contraponto, o lume novo aceso na praia por Jesus (João 21,9). Pedro, portanto, não fez o curso ou o percurso de discípulo de Jesus até ao fim! Deixou por fazer umas quantas unidades curriculares. É por isso que agora tem de SEGUIR alguém que tenha SEGUIDO Jesus até ao fim. É por isso, e só por isso – nada tem a ver com idades (Pedro mais idoso, o «discípulo amado» mais jovem!) –, que Pedro tem agora de SEGUIR o «discípulo amado», chegando naturalmente ao túmulo atrás dele. Note-se ainda que, não obstante um ir à frente e o outro atrás, correm os dois juntos. É aquilo que ainda hoje

vemos na catequese e na mistagogia cristãs: corremos sempre juntos, mas alguém vai à frente, para ensinar o caminho aos outros! Belíssima comunhão em corrida!

6. Pedro, que corria juntamente com o «discípulo amado», mas SEGUINDO-O, entra no túmulo que o «discípulo amado» cuidadosamente sinaliza e lhe aponta (ele é o grande sinalizador de Jesus: veja-se João 13,24 e 21,7), e vê (*theôréô*: um ver que dá que pensar e que abre para a fé: cf. João 2,23; 4,19; 6,2.19.40.62) as faixas de linho no chão e o sudário que cobria o Rosto de Jesus, à parte, dobrado cuidadosamente, como «sinal» do Corpo ausente do Ressuscitado! Conclusão: o corpo de Jesus não foi roubado por mãos humanas, como supôs a Madalena equivocada! Os ladrões não costumam deixar a casa roubada tão em ordem! Por isso, Pedro vê com o olhar de quem fica a pensar no que se terá passado... Talvez seja coisa de Deus... Com a indicação preciosa de que o véu foi cuidadosamente retirado do seu Rosto, a Revelação convida agora a contemplar o Rosto divino no Rosto humano do Ressuscitado: vendo-o a Ele, vê-se o Pai (cf. João 14,9). «Rosto humano de Deus, rosto divino do homem»⁹. Do sinal para o sacramento: o sinal indica; o sacramento comunica.

7. «O discípulo amado» entrou, viu com um olhar histórico (tempo aoristo) de quem vê por dentro a identidade (verbo grego *ideîn*) e acreditou (v. 8). É o olhar de quem vê o inefável, verdadeiro clímax do relato: anote-se a passagem do verbo *ver* do presente para o aoristo, e de fora para dentro: «o discípulo amado» viu com os olhos fechados («Eu dormia, mas o meu coração velava»: Ct 5,2) a identidade dos «sinais»: toda a Economia divina realizada! O relato evangélico é sóbrio, mas rico e denso. Fiel a esta intensa sobriedade, a arte cristã nunca se atreveu a representar a ressurreição antes dos séculos X-XI. É tal o fulgor da Luz deste mistério, que ficará sempre no domínio do inefável, que simultaneamente ilumina e esconde.

8. Recapitulando: a narrativa de João 20 abre, portanto, com a Madalena, que vai de manhã cedo, ainda escuro, ao túmulo e vê, com um olhar normal (verbo grego *blépô*), a pedra *retirada* (*êrménos*) para sempre e por Deus (João 20,1). Tal é o significado imposto por *êrménos*, particípio perfeito passivo de *airô*. Conforme a grandiosa narrativa, a Madalena tem diante dos olhos o inefável. Mas, cega como está pelos seus preconceitos, a Madalena falha a

⁹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Ecclesia in America* [1999], n.º 67; *Documento de Aparecida* [2007], n.º 107.

visão do inefável e corre logo, equivocada, a levar uma falsa notícia: «Retiraram (*êran*: aoristo de *áirô*) o Senhor do túmulo, e não sabemos onde o puseram» (João 20,2). Não é de admirar, dado que a Madalena anda pelo escuro, e, no IV Evangelho, quem anda no escuro ou na noite não vê a Luz.

9. Mas o percurso da Madalena não termina aqui. Continua em João 20,11-18. Mudou de olhar a Madalena. Aparece agora junto do túmulo a chorar, inclina-se e vê, agora também (como Pedro) com um ver que dá que pensar (verbo grego *theôréô*), dois anjos vestidos de branco (cor divina), estrategicamente colocados no túmulo, como sinais. Perguntam à Madalena: «Mulher, porque choras?» Na verdade, ela ainda está do lado da morte, do escuro, da dor, da tristeza. A paisagem em que se move ou a página que a move ainda é o Capítulo 19 de João, daquele Jesus morto por mãos humanas retirado (*árê* e *êren*: conj. aor. e ind. aor. de *áirô*) (João 19,38), daquele Rei por mãos humanas retirado (*âron*, *âron*: imper. aor. de *áirô*) (João 19,15[2x]), ou até daquela pedra por mãos humanas retirada do túmulo de Lázaro (João 11,39 e 41) – em todos os casos o verbo *áirô* no aoristo –, não sabendo ainda ler a pedra para sempre retirada por Deus, de João 20,1. É ainda à procura de um corpo morto que ela anda. De um corpo morto a que ela se acha com direito de posse. Talvez seja este o preconceito que lhe tolhe o olhar e a impede de ver o inefável. Na verdade, responde assim à pergunta feita pelos dois anjos: «Retiraram (*êran*) o meu Senhor, e não sei onde o puseram» (João 20,13). Note-se outra vez o aoristo do verbo *áirô*, e note-se agora também o possessivo «meu» afeto a Senhor (*krión mou*).

10. Voltando-se para o jardim, vê, outra vez com um ver que dá que pensar (*theôréô*), um homem de pé, que ela pensa ser o jardineiro, mas que, na verdade, é Jesus, que a deixa espantada com a segunda pergunta que lhe faz: «Mulher, porque choras? [normal, pois ela continuava a chorar]; a quem procuras?» (João 20,15). Esta segunda pergunta desvenda a Madalena, retirando-a dos preconceitos que a cegam. Precedendo-a, antecipando-se a ela, adivinhando-a com aquela pergunta direita ao coração, Jesus dá-se a conhecer à Madalena, deixando-a a pensar mais ou menos assim: «E como é que este desconhecido sabe que eu ando à procura de alguém neste jardim?» Compreendendo-se compreendida, a Madalena começa a sair aqui da sua cegueira, mas ainda precisa de algum tempo para mudar de paisagem, de margem, de página, do Capítulo 19 para o Capítulo 20 de João. A resposta que dá é elucidativa: «Se foste tu que o (*autón*) levaste, diz-me onde o (*autón*) puseste, e eu o (*autón*) retirarei» (João 20,15).

11. Ao responder com um pronome três vezes repetido, que esconde o nome, vê-se bem que a Madalena sabe que aquele desconhecido bem sabe quem ela procura. E confessa aqui o intento que desde aquela madrugada, ainda escuro, a movia: retirar para si aquele corpo morto! Manifesta que anda ainda perdida no Capítulo 19, quando responde «em hebraico» (*hebraísti*) a Jesus que acabava de pronunciar o nome dela: «Maria!» (João 20,16). A locução adverbial «em hebraico» (*hebraísti*) é uma ponte para João 19,13 e 17: «o lugar dito Lagedo, em hebraico *Gabbathá*»; «o lugar dito Calvário, em hebraico *Golgothá*». Equivocada como anda, ainda quer reter o Ressuscitado com as suas mãos, mas não pode: aprende ainda que nada nem ninguém pode reter o Ressuscitado, aquela vida nova, aquele modo novo de estar presente! Leva tempo até passar da margem da morte para a margem da vida verdadeira! E finalmente vai anunciar aos discípulos, que Jesus significativamente chama «meus irmãos» (João 20,17; ver Mateus 28,7 e 10), enviada pelo Ressuscitado: «Vi (*heôraka*) o Senhor!» (João 20,18). Nova mudança de olhar. O que ela diz agora é: Vi e continuo a ver o Senhor! É o que significa o verbo grego *horáo*, no tempo perfeito. É o olhar da testemunha que vê o inefável! Aqui termina a Madalena o seu longo e belo percurso, e sai de cena.

É o amor, ainda que imperfeito,
É o amor, ainda que com defeito,
É o amor que faz correr a Madalena.

É o amor, ainda que imperfeito,
É o amor, ainda que com defeito,
É o amor que faz chorar a Madalena.

Mas tu sabes, meu irmão da páscoa plena,
Tu sabes que há outro amor em cena,
E é esse amor que faz amar a Madalena.

12. Novos percursos se abrem com a página de João 20,19-31. Os discípulos estão em um lugar, com as portas fechadas, por medo dos judeus. Quem tem as portas fechadas? Eles ou nós? Eles e nós. Quem pode abrir as nossas portas fechadas? O Ressuscitado, vida nova e modo novo de estar presente, que nada nem ninguém pode reter com as suas mãos, vem e fica no MEIO deles, o lugar da Presidência, e saúda-os: «A paz convosco!» Mostra-lhes as mãos e o lado, sinais que identificam o Ressuscitado com o crucificado (*estauróménos*: vida dada por amor, para sempre, para todos!), e agrafa-os à sua missão: «Como o Pai me enviou (*apéstalken*: perf. de *apostéllô*), também Eu

vos mando ir (*pémpô*)». Note-se bem que Jesus, para se identificar, não mostra o rosto, mas as mãos e o lado, sinais da vida dada por amor, para sempre, para todos. É esta, de facto, a verdadeira identidade de Jesus. O envio d'Ele está no tempo perfeito (é para sempre): está sempre em missão; o nosso está no presente, e passa. O presente da nossa missão aparece, portanto, agrafado à missão de Jesus, e não faz sentido sem ela e sem Ele. Nós estamos implicados e imbricados n'Ele e na missão d'Ele, sabendo que Ele está connosco todos os dias (cf. Mateus 28,20). É-nos dito que os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem (*idóntes*: part. aor² de *horáô*) com os seus olhos (tempo aoristo) o Senhor. Tal como o Outro Discípulo, também eles vêm com os seus olhos (tempo aoristo) a identidade do Senhor. O sopro de Jesus sobre eles é o sopro criador (*emphysáô*), com o Espírito, para a missão frágil-forte do Perdão. Este sopro só aparece aqui em todo o Novo Testamento! Mas não é difícil construir uma bela ponte para Génesis 2,7, para o sopro ou alento (*napah* TM / *emphysáô* LXX) criador de Deus no rosto do homem.

13. O narrador informa-nos logo a seguir de que, afinal, Tomé (*Toma'*), chamado Gémeo (*Dídymos*), não estava com eles quando veio Jesus. *Dídymos* é, na verdade, a tradução literal, em grego, do aramaico *Toma'* [= «Gémeo»]. Mas os outros diziam-lhe repetidamente (*élegon*: imperf. de *légô*), imperfeito de duração, com a mesma linguagem da Madalena, mas no plural: «Vimos (*heôrákamen*: perf. de *horáô*) o Senhor!» (João 20,25). Portanto, também eles são testemunhas, pois viram e continuam a ver o Senhor, de acordo com o tempo perfeito do verbo grego. Mas Tomé quer tudo controlado e verificado, ponto por ponto, e refere: «Se eu não vir (*ídô*: conj. aor² de *horáô*) com estes meus olhos (tempo aoristo) nas suas mãos a marca dos cravos, e não meter o meu dedo na marca dos cravos e não meter a minha mão no seu lado, não acreditarei» (João 20,25).

14. Novo desarme: oito dias depois, estavam outra vez os discípulos com as portas fechadas (mas o medo já não é mencionado), e Tomé estava com eles. Veio Jesus, ficou no MEIO, saudou-os com a paz, e dirigiu-se logo a Tomé desta maneira: «Traz o teu dedo aqui e vê (*íde*: imper. aor² de *horáô*) com esses teus olhos (tempo aoristo), as minhas mãos, e traz a tua mão e mete-a no meu lado, e não sejas incrédulo, mas crente!» (João 20,27). Aí está Tomé adivinhado, desvendado e desarmado. Também ele podia ter pensado: «E como é que ele sabia que eu queria fazer aquilo?» Tomé cai aqui, adivinhado e antecipado, precedido por Aquele que nos precede sempre. Não quer tirar mais provas. Diz de imediato: «Meu Senhor e meu Deus!» (João 20,28), uma das mais belas profissões de fé de toda a Escritura. E Jesus diz para ele: «Porque

me viste e continuas a ver (*heôrakás me*, tempo perfeito de *horáô*), acreditaste e continuas a acreditar (*pepisteukas*, tempo perfeito de *pisteúô*); felizes (*makáριοι*) os que, não tendo visto (*idóntes*: part. aor² de *horáô*) com os seus olhos (tempo aoristo), acreditaram (*pisteúsantes*: part. aor. de *pisteúô*)!» (João 20,29). Esta felicitação é para nós.

15. Notável o percurso dos Discípulos. Fechados e com medo, viram Jesus entrar e ficar no MEIO deles, sem que as portas e as paredes constituíssem obstáculo. Trocaram o medo pela alegria, e também eles começaram a ver de forma continuada o Senhor e a dizê-lo repetidamente. Notável e exemplar para nós o percurso de Tomé, chamado Gémeo: *não estava com* a comunidade, tão-pouco aceitou o seu testemunho; queria provas! Mas, quando veio Jesus e o adivinhou, precedendo-o e presidindo-o, entregou-se completamente! Tomé, chamado Gémeo! Irmão gémeo! Irmão gémeo de quem? Meu e teu, assim pretende o narrador. De vez em quando, também nós *não estamos com* a comunidade. Como Tomé, chamado Gémeo. Por vezes, também duvidamos e queremos provas. Como Tomé, chamado Gémeo. Salta à vista que também devemos *estar com* a comunidade. Como Tomé, chamado Gémeo. E professar convictamente a nossa fé no Ressuscitado que nos preside (no MEIO) e nos precede sempre. Como Tomé, chamado Gémeo. A fé não é uma visão só dos olhos nem apenas da cabeça. Com os olhos, vemos o que vemos. E as visões da cabeça chamam-se sonhos, diz-nos Daniel 4,10.

Páscoa é Páscoa. Simplesmente.
Sem I.V.A. nem adjetivo pascal.

Páscoa é lua cheia, inconsútil, inteira,
Sementeira de luz na nossa eira.

Deixa-a viver, crescer, iluminar.
Afaga-lhe a voz e o olhar.

Não lhe metas pás, não lhe deites cal.
Não lhe faças mal.

Não são notas enlatadas, brasas apagadas.
É música nova, lume vivo e integral.

Não é paragem, mas passagem,
Aragem a ferver e a gravar em ponto-cruz

A mensagem que arde no coração dos dois de Emaús.
A Páscoa é Jesus.

16. Já sabemos que os sete discípulos da cena de João 21 trabalharam toda a noite, sem sucesso (João 21,3).

17. Mas eis que Jesus aparece de madrugada na praia, no limiar do dia e da alegria, aqui perto, a cem metros de nós. Com os olhos embotados pela doença do escuro – há tanto tempo temos as portas fechadas –, não O reconhecemos à primeira. Mas ouvimos a Sua voz carregada de verdade, que nos desvenda («Não tendes nada para comer, pois não?» (João 21,5), e nos aponta rumos verdadeiros («Lançai a rede para a direita da barca, e encontrareis») (João 21,6). Não o reconhecemos à primeira. Mas vemos e lemos os Sinais. «É o Senhor», diz para Pedro o discípulo, aquele que Jesus amava (João 21,7). E Pedro correu na direção de Jesus. Os outros seis vieram também, arrastando a barca carregada de peixes.

18. E sobre a praia o lume novo e a refeição nova, cuidadosamente preparada por Jesus (João 21,9). Agora Pedro está no lugar certo, *com Jesus*, e aquece-se no lume vivo que é Jesus. Belo e exemplar contraponto: pouco antes, narrativamente falando, Pedro estava *com os guardas*, que andavam na noite, e aquecia-se a outro lume, aceso na noite pelos guardas (João 18,18). Tinha *rompido* a sua intimidade com Jesus. Mas agora arrasta a rede cheia com 153 grandes peixes. E o narrador refere, chamando a nossa atenção, que, embora fossem muitos, a rede não se *rompeu* (João 21,11). «Romper» traduz o verbo grego *schízô*, donde vem etimologicamente «cisma». É, portanto, de comunhão e de unidade que se trata, e não de «cismas», dissensões, divisões. O número 153 ajuda a ler esta «comunhão», se quisermos ver nesse número a gematria, ou permutação em números, da locução hebraica *qahal ha'habah* [= «comunidade do amor»], excelente maneira de dizer a realidade nova e bela da Igreja¹⁰.

19. E é sobre o amor o diálogo que se segue entre Jesus e Pedro: «Pedro, amas-me mais...?», pergunta Jesus por três vezes. E por três vezes Pedro responde que sim, ouvindo e recebendo de Jesus, também por três vezes, a nova missão de «Pastor» que lhe é confiada: «Apascenta as *minhas* ovelhas» (João

¹⁰ Sobre esta equação, v. J. A. ROMEO, «Gematria and John 21:11 – The Children of God», in *JBL*, 97, 1978, pp. 263-264; N. J. MacELENEY, «153 Great Fishes (John 21:11 – Gematriacal Atbash)», in *Bib*, 58, 1977, pp. 411-417; F. MANS, *Jean 21: Contribution à l'ecclésiologie du quatrième Évangile*, in R. FABRIS (ed.), *La Parola di Dio cresceva (At 12,24). Scritti in onore di Carlo Maria Martini nel suo 70.º compleanno*, Bolonha, EDB, 1998, p. 210.

21,15-17). Entenda-se bem que as ovelhas nunca deixam de ser pertença de Jesus Ressuscitado. E a afirmação por três vezes repetida do amor de Pedro a Jesus recompõe a intimidade *rompida* por Pedro com aquelas três negações um pouco antes narradas (João 18,17-27).

20. Senhor, ensina a tua Igreja de hoje outra vez a ver e a ler os Sinais da Tua presença na madrugada e na praia, novo limiar de luz e de esperança que orienta a nossa vida toda para Ti, referência fundamental do amor e da comunhão que deve unir como uma rede a Tua Igreja. Precede-nos e preside-nos sempre. Não nos deixes perdidos no nevoeiro e na confusão, na noite e no frio, a orientar-nos por outro farol, a aquecer-nos a outro lume. Faz que reconheçamos sempre a Tua voz de Único Verdadeiro Pastor, e ampara os pastores que incumbiste de apascentar as *tuas* ovelhas.

O medo não habita a nossa casa
 O medo transforma a nossa casa em fortaleza
 Tranca portas e janelas
 Esconde-se debaixo da mesa.

Mas vem Jesus e senta-nos à mesa
 Começa a contar histórias e estrelas
 Leva-nos até ao colo de Abraão, até à Criação,
 Sopra sobre nós um vento novo
 Rasga uma estrada direitinha ao coração:
 Chama-se Perdão, Espírito, Nova Criação.

Varrido para o canto da casa pelo vento,
 Rapidamente todo o medo arde.
 Ardem também bolsas, portas e paredes,
 E surge um lume novo a arder dentro de nós
 Mas esse não nos queima nem o podemos apagar.

Estamos lá tantos à roda desse vento, desse fogo,
 Com esse vento, com esse fogo dentro,
 Portugueses, russos, gregos e chineses,
 Começamos a falar e tão bem nos entendemos,
 Que custa a crer que tenhamos passaportes diferentes.

E afinal não temos.
 Vendo melhor, maternas mãos invisíveis nos embalam,

Nos sustentam.
Sentimos que estamos a nascer de novo,
Percebemos que somos irmãos,
Filhos renascidos deste vento, deste lume.
E não é verdade que falamos,
Mas que alguém dentro de nós chama por Deus
Como um menino pelo Pai.